

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E RURAL A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE DESENHOS E MAQUETES EM SALA DE AULA

A BACKGROUND OF URBAN AND RURAL AREA FROM CONSTRUCTION DRAWINGS AND MAQUETES IN THE CLASSROOM

Vanessa MANFIO¹

Resumo: A educação deve oportunizar espaços de diálogos, envolvendo a liberdade, a vivência e a criatividade dos educandos. Sendo a Geografia uma ciência privilegiada neste sentido, pois consegue abordar o cotidiano dos alunos no universo dos conteúdos escolares, isto faz com que ela seja fascinante. No entanto, muitas vezes, a falta de percepção didática dos educadores acaba minimizando o aprendizado do aluno e tornando as aulas repetitivas. Dessa forma, a utilização de maquetes e desenhos em sala de aula no estudo dos conceitos: campo e cidade, foram significativas ao processo de ensino, trazendo a bagagem intelectual do aluno, a criatividade e sua compreensão do assunto, dinamizando o espaço escolar.

Palavras-chave: Geografia escolar, maquetes, desenhos, campo, cidade.

Abstract: Education should favor spaces of dialogue, involving freedom, the experience and creativity of students. Being a privileged geography science in this sense, because it can address the daily life of students in the universe of school subjects, this causes it to be fascinating. However, often, the lack of perception of educators teaching thereby minimizing student learning and making repetitive lessons. Thus, the use of models and drawings in the classroom in the study of concepts: town and country were significant to the education process, bringing the intellectual baggage of student creativity and their understanding of the subject, boosting the school environment.

Key-words: school geography, models, drawings, countryside, city.

Introdução

A educação cumpre um significativo papel na formação de indivíduos e saberes. Tendo na Geografia escolar uma abordagem da realidade vivida do aluno, as transformações do mundo e também as relações da sociedade com o meio ambiente.

Neste sentido, o trabalho diário da Geografia no contexto escolar ao dar conta de temáticas conhecidas pelos alunos consegue oportunizar a educação através da utilização de vários recursos didáticos.

Sabe-se que a educação tradicional não tem agradado os educandos neste mundo de desenvolvimento tecnológico e de propagação do conhecimento. Com isso, a construção de maquetes e desenhos em sala de aula tem sido um recurso importante para despertar o interesse dos alunos na aprendizagem e, assim, contextualizar os diversos conceitos geográficos.

¹Licenciada, Mestre em Geografia pela UFSM e atualmente doutoranda em geografia pela UFRGS.

Pensando nisso, foram realizadas práticas didáticas envolvendo estes recursos e a abordagem campo- cidade com alunos da 7ª Série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes².

Assim, os alunos diante da temática ficaram responsáveis pela composição de maquetes e desenhos. Na elaboração de desenhos, etapa inicial, os alunos foram instigados a retratar as características desses espaços já mencionados, no papel onde cada educando realizou o seu trabalho.

Na etapa seguinte, os alunos em grupos tiveram a oportunidade de discutir e criar uma maquete envolvendo ou o meio rural ou o urbano, previamente estabelecidos entre professor/alunos, ficando livres na construção da maquete, posteriormente foi realizada uma exposição e análise dos trabalhos em sala de aula.

Diante disso, o presente artigo busca refletir sobre os conceitos: cidade e campo, abordados pela Geografia escolar, assim como os recursos didáticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, mediante ao conhecimento das dificuldades de trabalhar em sala de aula com os alunos e proporcionar momentos de construção de saberes.

Para dar ênfase aos objetivos deste artigo, fundamentou-se nos seguintes autores: Callai (2005), Castrogiovanni, (2009), Cavalcanti (1998, 2008), Thiesen (2011), Bueno *et al* (2012) entre outros.

Dessa forma, o texto foi dividido em três partes, sendo a primeira parte uma análise sobre a Geografia escolar e os conceitos campo e cidade, a segunda a abordagem da utilização da maquete e desenhos como recursos didáticos em aulas de Geografia, finalizando com as conclusões e as perspectivas deste tipo de atividade escolar.

Geografia escolar e os conceitos: cidade e campo

A ciência geográfica apresenta alguns conceitos importantes para uma leitura do mundo, com suas dinâmicas e conflitos, entre estes conceitos estão: região, paisagem, território, lugar, espaço e também as noções de campo e cidade.

Diante disso, o ensino de Geografia tem como alicerce conteudista a construção do conhecimento destes conceitos em sala de aula. Segundo Callai (2005) os conceitos são fundamentais para desencadear um processo de leitura do mundo, com um “olhar espacial”.

Ainda, Cavalcanti (1998) afirma que esse conjunto conceitual acaba produzindo uma linguagem própria de análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico.

Neste percurso, a educação geográfica precisa de uma base de conhecimentos separadamente entendidos para, num conjunto maior de interações, constituírem o conhecimento geral. Dessa forma, partindo dos conceitos-chaves da ciência podem-se envolver diversos assuntos temáticos e compreender os objetivos e fenômenos geográficos, caso contrário apenas será uma “decoreba” de conteúdos.

O ensino de Geografia, muitas vezes, apresenta-se fragmentado, enciclopédico e omissivo, deixando de incentivar o aluno a elaborar concepções de mundo e de suas realidades vividas, denotando uma pedagogia que não privilegia a constituição do sujeito capaz de construir conhecimentos (GOULART; REGO, 2007).

Porém, estes conceitos não devem ser apenas reproduzidos de professor para aluno, e sim construídos numa integração do aluno com o assunto ensinado. Destaca Thiesen (2011),

² Escola localizada na cidade de Nova Palma na região central do Rio Grande do Sul.

os conceitos não devem ser ensinados com um enfoque meramente descritivo, como uma unidade que pode ser transmitida linearmente pelos professores aos alunos. Faz-se necessário outro tratamento epistemológico, pedagógico e didático que possibilite, de fato, a apropriação desse conceito/conteúdo por parte do aluno e que, dialeticamente, articulem às suas experiências no campo do vivido a partir dos conhecimentos refletidos e concebidos em processos de aprendizagem.

Na construção dos conceitos da Geografia podem-se utilizar infinitos recursos pedagógicos, além do livro didático. Argumenta Cavalcanti (2008) que é fundamental a ampliação do uso de procedimentos de ensino que sejam propiciadores da manifestação dos sujeitos e do processo de significação de conteúdos, incluindo a música, a literatura, o cinema, os desenhos, o estudo com jogos, charges, a construção de maquetes, entre outros, para que o aluno consiga absorver e construir seu conhecimento.

Nesta análise, cabe abordar brevemente os conceitos de cidade e campo na visão teórica, a fim de reforçar a importância destes na discussão escolar.

Com relação a conceitualização da cidade, Carlos (1992, p. 57) afirma que ela “é uma realização humana, uma criação que vai se construir ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta diferenciada em função de determinações históricas específicas”.

Reforça Manfio (2011, p. 47), contextualizando a cidade como “o lugar do desenvolvimento das contradições, dos conflitos socioeconômicos, ambientais, políticos e culturais e das diversas manifestações que geram a história do lugar. Esta é marcada por traços deixados na arquitetura e na organização da mesma”.

Sobre o embasamento conceitual acima, pode-se entender a cidade como um espaço de movimento (circulação de pessoas e mercadorias), de relações intensas e construções complexas, além de variadas formas e culturas presentes num mesmo ambiente.

Em virtude de toda esta complexidade da cidade, torna-se importante abordar este conceito em sala de aula, podendo mencionar vários assuntos. Ainda, como as cidades são espaços do modo de vida da maioria da população mundial devem ser também espaços de educação.

Deste modo, Cavalcanti (2008) diz que a cidade é o lócus privilegiado da vida social, na medida em que, mais que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida que se generaliza. Assim, ela é educadora: ela educa, ela forma valores, comportamentos e informa imagens e símbolos.

No entanto, para trabalhar em sala de aula com a noção de cidade não basta lançar conceitos prontos sobre cidade. É necessário construir os conceitos a partir da realidade do aluno, em função das relações deles com o ambiente onde vive (CAVALCANTI, 2008).

No estudo da cidade em sala de aula também podem-se incorporar ao aprendizado alguns valores, tais como: a cidadania, envolvendo o aluno na sua participação na organização e cuidado com o urbano.

Assim, o ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos e habilidades, valores que ampliam a capacidade das crianças e jovens a compreenderem o modo em que vivem e atuam num espaço organizado e como espaço aberto e vivo de culturas (CAVALCANTI, 2008).

Nesta visão, “é necessário formar uma consciência espacial para a prática da cidadania. Consciência espacial como sinônimo de perceber o espaço como um elemento importante de nossa organização social, presente no nosso cotidiano” (KAERCHER, 2009, p. 225).

Pensando nisso, a Geografia escolar possibilita ao aluno reconhecer o espaço onde vive - a cidade ou o campo - e fazer uma leitura deste espaço. Comentam Azevedo e Assis (2007), muitas vezes, o aluno nasce e cresce num espaço, mas não conhece sua organização, a sua história.

Enquanto os alunos citadinos não conhecem todos os lugares da cidade e suas articulações, os alunos do meio rural não percebem a beleza e os elementos do espaço onde vivem, nem mesmo a importância do campo para o cenário econômico.

Nesta perspectiva, o campo compreende um espaço de características mais naturais que o urbano. Destaca Marques (2002, p.109), que o espaço rural é:

[...] um meio específico de características mais naturais, do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos, nos quais, a terra ou o “espaço natural”, aparece como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local.

Ainda, Manfio (2011, p.50-51) afirma que “o campo é o espaço da presença do verde, da natureza, da dispersão populacional, das atividades ligadas a terra, ao cultivo e a moradia, marcada pela valorização cultural e ambiental”

Evidentemente, que o espaço rural tem sofrido muitas alterações e hoje não se encontra tão distante da cidade e do mundo. Assim, trabalhar este espaço na Geografia escolar é entender a transformação dialética do espaço e da produção de alimentos.

Para Silva e Silva (2009) as discussões sobre a questão agrária, a estrutura fundiária e os conflitos e implicações socioeconômicas e ambientais relativo ao campo devem ser debatidos em sala de aula a fim de despertar um olhar crítico nos alunos sobre os problemas do meio rural.

Nesta mesma abordagem, Arruda e Silva (2012) acreditam que para trabalhar com a temática espaço rural em sala de aula é necessário a construção de uma educação que proporcione ao aluno pensar de forma clara a realidade dos espaços em que vivem, seja do campo ou da cidade, fazendo com que eles percebam a relação intrínseca entre o campo e a cidade.

Notoriamente, ambos os espaços são importantes para o desenvolvimento local e regional, sendo importante o estudo deles no contexto escolar, mediando o fato do educando estar relacionado com este espaço através da moradia ou mesmo do constante debate sobre eles.

Nesse sentido, é importante o professor ter um pensamento aberto e consciente do processo de ensino, dos conteúdos e conceitos geográficos a serem trabalhados em sala de aula. Tendo como suporte a utilização de diferentes recursos didáticos para orientar a aprendizagem e permitir que o aluno reflita sobre os temas da sua realidade.

Nas palavras de Thiesen (2011, p.89):

É preciso que o educador tenha clareza metodológica para que possa integrar seus saberes com os saberes dos estudantes, que possa problematizar as questões em torno desses conceitos de conhecimento de modo a permitir que os alunos sintam-se, eles mesmos, protagonistas do processo de conhecer, de refletir e de agir ampliando os espaços de sua experiência.

Em suma, o espaço é um dos elementos geográficos mais importantes da contextualização desta ciência, sendo o campo e a cidade, espaços de vivência da população e

consequentemente dos alunos. Assim, entende-los é a base de toda a construção de aprendizagem.

Maquete e desenho: recursos didáticos da Geografia escolar

Na educação contemporânea, vários recursos didáticos constituem-se em ferramentas para a condução do aprendizado do educando. Discorrem sobre este assunto Gondim, Dias e Muniz (2013, p.48):

Os recursos didáticos quando utilizados de maneira adequada colaboram para o desenvolvimento cognitivo do educando, além de outros benefícios mais, como: motivar e despertar o interesse do educando; favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; permitir ao educando concretizar o que outrora se encontrava tão somente no campo da abstração, utilizando materiais e objetos simbólicos como elo entre meio subjetivo e mundo concreto; aproximá-lo da realidade analisada; oferecer informações e dados; viabilizar uma melhor dinâmica na construção do conhecimento.

Sendo muitos os recursos que podem realizar este papel e consistem em artifícios fáceis de serem encontrados e utilizados. Elementos que proporcionam a interação do conteúdo-realidade do aluno. Podem-se enumerar dezenas deles, mas aqui será feita menção apenas ao desenho e maquete.

Assim, no trabalho com o espaço geográfico - urbano e rural- a maquete representa um forte componente didático, facilitador da aprendizagem, já que consegue representar o real do cotidiano observado pelos alunos.

Segundo Simielli *et al* (1991), a maquete aparece como o processo de restituição do concreto a partir de uma abstração, centrando-se aí sua real utilidade, complementada com os diversos usos deste modelo concreto trabalhado pelos alunos.

Reforça Castrogiovanni (2009, p.74): “a maquete é um modelo tridimensional do espaço. Ela funciona como um laboratório geográfico, onde as interações sociais do aluno no seu dia-a-dia são passíveis de serem percebidos quase que na sua totalidade”.

Neste contexto, a maquete permite a exploração de diversas temáticas da área geográfica, não sendo apenas um elemento articulador da cartografia, mas um instrumento de análise de todo espaço e dos seus elementos.

Deste modo, Oliveira e Malanski (2008, p. 182) colocam: “a maquete permite ao professor explorar diferentes conteúdos da Geografia Escolar, tanto de aspecto físico (geomorfologia, hidrografia, geologia entre outros) quanto humanos (urbanização, cultura, economia etc)”.

Na abordagem de Almeida (2006), as maquetes são usadas como forma inicial de representação, buscando discutir questões sobre localização, projeção (perspectiva), proporção (escala) e simbologia, além da orientação. A construção das maquetes pode auxiliar os alunos a pensarem também nos porquês dos elementos estarem em determinados lugares.

Ainda, a maquete pode ser um recurso para trabalhar as diferentes proporções e escalas de espaço e suas relações. Destacam Oliveira e Malanski (2008, p. 181): “a maquete é um recurso didático que pode auxiliar os estudantes na compreensão dos conceitos da Geografia nas mais diferentes escalas, permitindo estabelecer associações entre as diversas proporções, desde o local até o global”.

É importante que o educando desenvolva sua capacidade e habilidade de representar a realidade para a partir disso entender os conteúdos geográficos. Nesta perspectiva, Callai (2005) afirma que a capacidade de representação do espaço vivido assentada na realidade concreta do aluno pode contribuir para uma leitura do mundo onde está inserida.

Com isto, ao representar em sala de aula o espaço geográfico, especificamente o espaço rural e urbano, pode-se entender as relações do homem com a natureza reforçando a teoria escolar.

Nesse sentido, Andujar e Fonseca (2009, p. 394) enfatizam que: “a representação em maquete das relações homem/espaço geográfico permite o entendimento do processo de urbanização e a análise da densidade das relações e transformações que tornaram a realidade concreta e vivida”.

Assim, a maquete é um instrumento significativo para a assimilação do assunto, contribuindo com o aprendizado em sala de aula. Nesta perspectiva, Oliveira *et al* (2013, p. 105) afirmam que:

A maquete transforma-se numa grande aliada do professor, pois tem a capacidade de dinamizar as aulas, revelar detalhes do espaço representado, permitindo por meio de seu aspecto tridimensional a percepção da interdependência dos fenômenos.

Numa outra análise sobre o uso da maquete em sala de aula observa-se que esta pode ser um instrumento importante nas aulas de Geografia com alunos deficientes visuais, pois essa representação utiliza o tato e o modelo tridimensional.

Na visão dos autores, Casseiro e Mello (2013), a construção de maquetes permite a interatividade dos alunos com os objetos de estudos, considerando o diálogo entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, a fim dos alunos compreenderem a dinâmica do espaço e os processos que atuam sobre ele.

Porém, quanto aos recursos didáticos que permitem esta interação-representação da realidade e o conteúdo, o desenho também é um instrumento privilegiado, pois além de despertar o interesse do aluno proporciona a aprendizagem.

Conforme Bueno *et al* (2012), o desenho como recurso didático pode propiciar uma aula mais criativa e dinâmica, garantindo a participação ativa dos alunos, possibilitando uma aprendizagem mais significativa do conteúdo.

Na Geografia escolar os desenhos podem indicar uma representação espacial, já que envolvem o conteúdo, o aprendizado e as práticas sociais. Sendo uma atividade realizada individual ou coletivamente ela expressa nas formas e nas cores a organização e a distribuição espacial (PONTUSCHKA, *et al*, 2007).

Dessa forma, os desenhos não são apenas uma brincadeira ou ilustração, eles fazem parte de um recurso didático quando utilizado para ensinar e aprender, seja na Geografia ou em outra ciência. Descrevem Bueno *et al* (2012), o desenho revela não apenas uma ilustração e sim uma forma de expressar que o aluno aprende durante a aula. É o conhecimento adquirido durante a vida e seu cotidiano.

Nesta lógica, a abordagem acerca da necessidade de renovação do ensino de Geografia torna-se cada vez mais abrangente e dialogada pela comunidade escolar, já que os alunos não são mais sujeitos estáticos. Segundo Pontuschka (2007), os estudantes hoje em dia desejam ser protagonistas de suas histórias e o seu anseio é que se pense em um ensino capaz de formar sujeitos críticos, criativos, flexíveis e reflexivos.

Diante disso, Pontuschka (2007), comenta que a partir de brincadeiras os alunos podem manipular os objetos, “poder” sobre os eventos e os fatos, e “dominação” dos fenômenos, a exemplo dos jogos lúdicos, desenhos e das maquetes que imitem a realidade.

Ainda, o professor tem, entre outros papéis na educação, o de orientar e instigar os alunos no aprendizado do cotidiano. Assim, a escolha do professor passa pela construção de caminhos que levem ao aprendizado escolar (HOFFMANN, 2005).

Além disso, a escola deve ser um espaço aberto para o ensino, afirma Ramos (2004). Ela precisa ser um espaço para questionar e argumentar, e também produto do processo de aprendizado de um novo conhecimento.

Para Costa e Lima (2012), o professor deve ser capaz de sensibilizar seus alunos, fazendo com que os mesmos procurem entender as dinâmicas existentes no espaço que os rodeia, pensando sempre na área de abrangência geográfica e o grau de abstração que os mesmos possuem na sua idade atual.

Por outro lado, o professor deve orientar e instigar os alunos no aprendizado do cotidiano. Assim, a escolha de recursos didáticos pelo professor passa pela escolha de recursos didáticos numa construção de caminhos que levem ao aprendizado escolar (HOFFMANN, 2005).

O processo de construção/apropriação do conhecimento na sala de aula é mediado pelo professor sendo importante que o educador busque concepções prévias dos alunos para ancorar o ensino (MELO; BASTOS, 2012).

Nesta ótica a atuação do professor é memorável para a construção de valores sociais, educando para o trabalho e a prática social, gerando cidadãos conscientes e organizando o processo de ensino e a avaliação deste. São inúmeras responsabilidades de um professor, tornando o ato de ensinar extremamente difícil (MANFIO, 2012).

Neste percurso, cabe ao professor desenvolver atividades que contemplem a prática e a teoria para assim promover o ensino, seja com utilização da maquete, o desenho ou mesmo com outro recurso.

Dialogando o conteúdo campo/cidade através da elaboração de desenhos e maquetes

Diante das atividades realizadas com os alunos, puderam ser observados alguns aspectos relevantes como: a forte participação dos alunos em realizar as tarefas propostas nas aulas. Já que eles foram instigados a participar ativamente da construção da aprendizagem.

Nestas práticas didáticas os alunos foram os protagonistas do processo de ensino e não apenas telespectadores, obviamente que o educador esteve presente auxiliando o desenvolvimento das atividades.

Na primeira etapa da aula, os alunos foram identificando os elementos e dinâmicas dos dois espaços criando assim conceitos, a partir de sua realidade, percepção e com a interação professor-aluno.

Na etapa de elaboração de desenhos sobre o conteúdo, observou-se muita criatividade e conhecimento, sendo retratados no desenho sobre o meio rural, tais como tratores, lavouras, criação de animais, vegetação e montanhas. Enquanto na cidade representaram prédios, movimentação de pessoas e carros, meios de comunicações e indústrias (Ilustrações 1 e 2).

Diante disso, Castrogiovanni (2009) afirma que a compreensão e representação do espaço, tempo e sociedade é fundamental no aprendizado geográfico, pois aproxima a teoria com o cotidiano vivenciado pelo aluno. Assim, o professor precisa estimular os alunos a exercitar o olhar espacial, fazendo uma leitura crítica do espaço e seus fenômenos.

Esta criatividade dos alunos na elaboração dos desenhos parte da percepção dos mesmos sobre o espaço vivido, mas também no que eles observam nos meios de informação como: televisão, revistas, internet.

Através desta representação é possível explorar diversos elementos geográficos e a aprendizagem flui espontaneamente e prazerosamente, constituindo um método de trabalho escolar significativo para as aulas de Geografia.

Por outro lado, no decorrer da construção e apresentação das maquetes os alunos apresentam muita habilidade em representar o espaço, apontando criatividade na confecção, demonstrando em suas análises como estavam organizados os dois espaços e apresentando clareza na apresentação frente aos colegas e professor. Nas cidades, houve o aparecimento da iluminação pública, parques, rios, casas e prédios, vias de circulação, praia e condomínios fechados (Ilustrações 3 e 4).

Além disso, foi possível reconhecer o prazer dos alunos em construir e discutir sobre a maquete. Pois eles tiveram a liberdade de expressão e assim sentiram-se motivados a realizar as atividades propostas no ambiente escolar, extrapolando a construção da maquete para além dos muros da escola.

Nota-se que eles utilizaram brinquedos de seus irmãos ou mesmo próprios, como carrinhos e bonecas pequenas para enfatizar os elementos que compreendiam cada espaço, envolvendo o lúdico com o aprendizado.

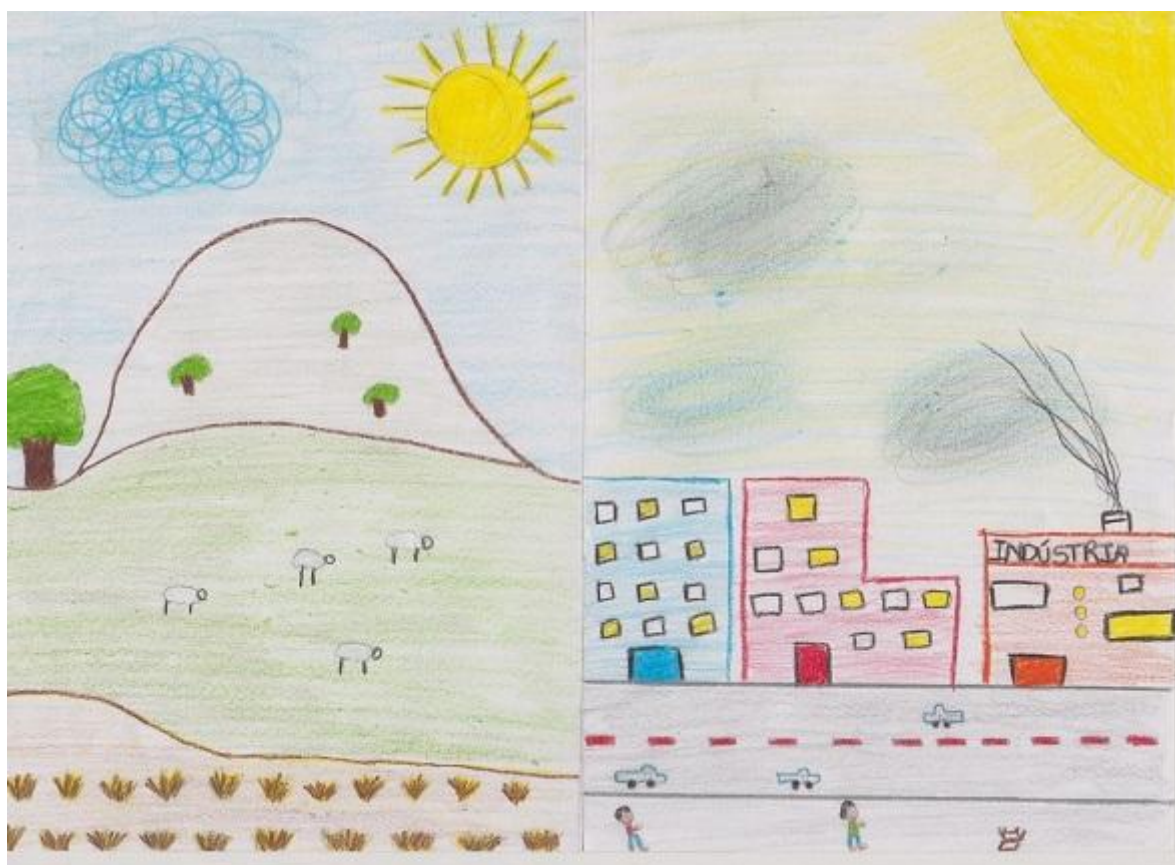


Ilustração 1: Desenho sobre campo-cidade elaborado por um aluno.

Isso possibilitou uma interação entre os conteúdos escolares da Geografia com outras ciências, principalmente com o uso da serragem e a disposição dos elementos representados na maquete. Ainda, a participação em âmbito familiar na aprendizagem, já que os membros da

família puderam auxiliar os alunos no trabalho da construção da maquete. Assim, família, comunidade escolar e alunos participaram do aprendizado geográfico, cada um contribuindo com uma parcela de saber.

Na representação da maquete do campo foram reforçados a natureza e os animais. (Ilustrações 5 e 6). Em ambas as maquetes foram utilizadas serragem, areia, caixinhas, brinquedos, luzinhas de natal, entre outros materiais.

Enfim, como mencionado anteriormente, a educação precisa ser pensada de forma a construir conhecimentos e não apenas reproduzir conceitos, abordando práticas didáticas que motivem os alunos a participarem e tenham a oportunidade de mostrar suas capacidades, habilidades, e criatividade, além do conteúdo.

No entendimento de Zabala (2002), o processo de ensino tem como finalidade a formação de pessoas que estejam aptas a responder a situação que lhes possibilitem contribuir para a melhoria da vida e cultive a criatividade.



Ilustração 2: Desenho elaborado por um aluno sobre campo-cidade



Ilustração 3: Foto da maquete do meio urbano realizado pelos alunos.



Ilustração 4: Foto da maquete do meio urbano elaborado pelos alunos



Ilustração 5: Foto da maquete do meio rural elaborado pelos alunos



Ilustração 6: Foto da maquete do meio rural elaborado pelos alunos

Segundo Demo (2005), a prática didática deve criar espaço para que o aluno realmente pense, reflita e crie, e com isto seja capaz de emitir opiniões críticas e alcançar seu aprimoramento intelectual.

Ao pensar o interesse como possibilidade de aprendizagem e a escola como o lugar do aprender, pode-se criar as condições para o efetivo desenvolvimento dos conteúdos geográficos, através de propostas que valorizem a prática dos alunos, tanto individuais como coletivamente. Tendo a Geografia local como o elo para juntar conhecimentos e interesses, desde que signifique o espaço vivido (GOULART; REGO, 2007).

Não necessitam-se grandes recursos didáticos e longas jornadas de trabalho, apenas a condução de recursos do dia-a-dia dos alunos e uma motivação. Como afirma Weisz (2000): a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações favoráveis a isto, abordando seu conhecimento prévio e cotidiano.

Nesta visão, a Geografia é uma ciência que possui esta oportunidade de trabalhar o espaço vivido dos alunos e seu cotidiano a fim de contemplar saberes. Assim, a maquete e o desenho foram recursos valiosos para a aprendizagem dos conceitos e dinâmicas do espaço urbano e rural.

Considerações

Nos tempos contemporâneos a educação vem enfrentando vários dilemas e desafios, entre eles: motivar os alunos a participar das atividades escolares, das quais às vezes não condizem com sua realidade de vida.

Diante disso, observa-se que a Geografia escolar tem em seus fundamentos os estudos com os conceitos do dia-a-dia, tais como: cidade e campo, refletindo a realidade dos alunos e seus conhecimentos prévios.

Entretanto, os alunos não aceitam aulas teóricas, simplesmente de transmissão de conhecimentos, eles querem participar do processo de ensino com atividades práticas e prazerosas.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas em sala de aula que resultaram nesta discussão tiveram como foco a imaginação e conhecimento dos alunos sobre o espaço urbano e rural através da construção de desenhos e maquetes que retrataram o assunto. Nestas atividades, os alunos tiveram a oportunidade de retratar o que eles viam a respeito destes espaços, sendo muito significativa a didática pedagógica.

Diante disso, os educadores precisam sair das amarras tradicionais das aulas e proporcionar novos ambientes e recursos aos alunos, para que os mesmos valorizem o ensino e sejam sujeitos da sua própria aprendizagem.

Sabe-se das inúmeras dificuldades escolares, mas sem dúvidas com dedicação e comprometimento da comunidade escolar é possível realizar excelentes trabalhos escolares, valorizando os alunos e promovendo o saber e a formação cidadã.

Contudo, a Geografia escolar é capaz de criar novas habilidades e saberes aos alunos com a utilização de vários recursos didáticos e os elementos e conhecimentos do cotidiano dos alunos, sendo importante que o professor crie oportunidades e incentive os alunos nas práticas escolares.

Referências

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDUJAR, P. V.; FONSECA, R. L. A utilização de maquetes como instrumentos metodológicos nas aulas de geografia. **Anais...** In: I Simpósio Nacional de Recursos Tecnológicos Aplicados à Cartografia e XVIII Semana de Geografia. Maringá, p. 390-395, 21 a 25 de set. 2009.

ARRUDA, G. O. de.; SILVA, T. P. da. O espaço rural no ensino de geografia: análise a partir da prática docente e dos conteúdos abordados no livro didático. **Anais eletrônicos...** In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte, 22 a 28 de jul. de 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Celia/Downloads/Artigo%20ENG_Graciela.pdf. Acesso em: 5 de mar. 2014.

AZEVEDO, M. E.; ASSIS, L. F. de. O estudo da cidade pequena nas aulas de geografia. **Revista Essentia**. Sobral, v. 8, n.2, p. 83-103, maio 2007. Disponível em: http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1206360691_37.pdf. Acesso em: 5 de mar. 2014.

BUENO, U. L. *et al.* Desenho: uma forma de aprendizado no ensino de geografia. **Anais...** In: IV Jornada de Ensino de Geografia. Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Cornélio Procópio – PR, 8-9 de Nov. 2012.

CALLAI, H. C. A. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino Fundamental. São Paulo: **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo, 1999.

CASSEMIRO, R. R.; MELLO, M. C. de O. A maquete como recurso didático para o ensino-aprendizagem de conceitos geográficos. **Anais...** In: Encontro de Geógrafos da América Latina. Lima, Perú, 2013. Disponível em: http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Rodrigo-Rosa-Casemiro-M%C3%A9rcia-Cristina-de-Oliveira-Mello.pdf. Acesso em: 14 jul. 2014.

CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre. Mediação, 2009.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 11-81.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. Campinas: Editora Papirus, 1998.

_____. **Geografia e práticas do ensino**. Goiânia. Alternativa, 2008.

COSTA, F. R. da; LIMA, F. de A. F. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, p. 105-116, n. 2, maio/ ago. 2012.

D' AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. 2 ed. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas- SP: Autores associados, 2005.

FRANCISCHETT, M. N. Maquete Geográfica: uma alternativa metodológica para pesquisar, estudar e representar o espaço vivido. **Boletim de Geografia**. Maringá, Vol. 19 nº 2 p. 173-245. 2001. Disponível em: <eduem.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/download/.../7511>. Acesso em: 05 abr. 2011.

GONDIM, L. B.; DIAS, R. H. L.; MUNIZ, A. M. V. O uso da maquete e das revistas em quadrinhos no Ensino de geografia. **Revista Eletrônica Georaguaia**. Barra do Garças - MT. V 3, n.2, p 46 - 55. agosto/ dezembro. 2013. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/georaguaia/article/view/456/pdf>. Acesso em: 10 de mar. 2014.

GOULART, L. B.; REGO, N. Revisitando a geografia: a perspectiva integradora da pedagogia de projetos. **Anais...** In: IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 28 maio/ 1 jun. de 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/lgoulart.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 29. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino –aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A.U. de. (org.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma- RS**. 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

_____. O ato de educar: discutindo o papel do professor no contexto educacional da atualidade. **Anais eletrônicos...** In: XVI Jornada Nacional de Educação. UNIFRA. Santa Maria, 20-23 ago. 2012. 1 CD- ROM.

MARQUES, M. I. M.. O Conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, Rio de Janeiro, n. 19, p.95-112, 2002.

MELO, E. S. de; BASTOS, W. G. Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento. **Estudos Avaliativos Educacionais**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 180-203, maio/ago. 2012. Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1735/1735.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

OLIVEIRA, B. R. de.; MALANSKI, L. M. O uso da maquete no ensino de geografia. **Extensão em Foco**, Curitiba, n. 2, p. 181-189, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/extensao/article/view/24783/16618>. Acesso em: 12 de mar. 2014.

OLIVEIRA, A. S.; *et al.* **A Produção de Recursos Didáticos Para o Ensino de Geografia: Cartilhas Temáticas e Maquete.** In: 12º Encontro Nacional de Práticas em Ensino de Geografia. João Pessoa, 2013.

PONTUSCHKA, N. N. *et al.* **Para ensinar e aprender geografia.** 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAMOS, M. G. **Educar pela pesquisa é educar para argumentação.** In: LIMA, V. M. do R.; MORAES, R. (orgs.) Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ROQUÉ, B. B. **O uso de maquetes no processo de ensino- aprendizagem da Geografia: potencialidades, limites e possibilidades.** 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rio Grande. Rio Grande, 2013.

SILVA, V. da; MUNIZ, A. M. V. A Geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia. **Revista Geosaberes**. v. 3 n. 5. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008. Disponível em: www.geosaberes.ufc.br. Acesso em: 15 fev. 2013.

SILVA, E. da C.; SILVA, N. M. da. **Abordagem do Espaço Rural nos Livros Didáticos de Geografia do Ensino Médio.** In: Anais do 10º. ENPEG (Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia). Porto Alegre, 2009.

SIMIELLI, M. E. R. *et al.* Do plano ao tridimensional: a maquete como recurso didático. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 70, AGB, São Paulo, 1991, p. 5-21.

THIESEN, J. da S. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.1, p. 83- 94, jan./abr. 2011.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

WEISZ, T. **O diálogo entre ensino e aprendizagem.** São Paulo: ártica, 2000.

Artigo recebido em 12-09-2014
Artigo aceito para publicação em 18-03-2015